

Do *Dictionnaire* de Bayle à *Encyclopédie*: a observação e a ordem*

LORENZO BIANCHI

(Universidade de Nápoles). E-mail: lbianchi@unior.it

I. “A obra da qual ofereceremos hoje o primeiro volume tem dois assuntos: como *Enciclopédia* deve expor, tanto quanto for possível, a ordem e o encadeamento dos conhecimentos humanos; como *Dicionário raciocinado das Ciências, das Artes e dos Ofícios* deve conter sobre cada Ciência e sobre cada Arte, seja liberal, seja mecânica, os princípios gerais nos quais se baseia e os detalhes mais essenciais que formam o seu corpo e a sua substância. Esses dois pontos de vista, de *Enciclopédia* e de *Dicionário raciocinado*, constituirão, portanto, o plano e a divisão do nosso Discurso preliminar” (*Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences...*, t. I, Paris, 1751, “Discours préliminaire des éditeurs”, p. 1 [citado doravante como *Encyclopédie*]).

Tais palavras de d’Alembert tiradas do *Discurso preliminar* mostram as relações entre *Enciclopédia* e *Dicionário*, mas revelam também a idéia de uma ordem geral própria a toda enciclopédia que deve encontrar o encadeamento dos conhecimentos humanos próprios aos dicionários “das Ciências, das Artes e dos Ofícios”.

Esta idéia de ordem e de encadeamento faz da *Enciclopédia* uma espécie de meta-dicionário que, mantendo uma ordem alfabética, fala as línguas particulares de cada dicionário das ciências ou das artes, e, sobretudo, relaciona esses conhecimentos. Trata-se de uma ordem que respeita as competências; na realidade, como lemos no *Prospecto*, “cada um de nossos Colegas

* Tradução de Marcelo Primo. Revisão de tradução de Paulo Jonas de Lima Piva. Este texto foi publicado originalmente em *Corpus : revue de philosophie*, 2006, nº 51, pp. 21-41

fez um Dicionário da Parte da qual ele foi encarregado, e nós reunimos todos esses Dicionários num conjunto”, os editores se limitando a “preencher os vazios que separam duas Ciências ou duas Artes e a reatar a corrente nas ocasiões em que nossos Colegas” (*Ibid.* [“Prospectus”], p. xxxvi) não compuseram seus artigos. Mas trata-se também de uma ordem que se funda sobre uma classificação alfabética que só satisfaz seja “a ordem enciclopédica das Ciências e das Artes”, seja “a ordem enciclopédica das palavras, mais precisamente dos objetos por meio dos quais as Ciências se comunicam e se aproximam.” (*Ibid.*, p. xxxvi)

É a ordem, portanto, o elemento que caracteriza a *Enciclopédia*, cujo objetivo, segundo o artigo ENCICLOPÉDIA de Diderot, “é reunir os conhecimentos esparsos sobre a superfície da Terra; expor o sistema geral aos homens com os quais vivemos, e transmiti-lo aos homens que virão depois de nós”. (*Encyclopédie*, t. V, Paris, 1755, article ENCYCLOPÉDIE, p. 635r.). Assim, a matéria imensa de uma enciclopédia “não pode ser a obra de um único homem”, e esta obra “só será executada por uma sociedade de pessoas de letras e artistas, dispersos, ocupados cada uma com sua parte, e ligadas unicamente pelo interesse geral do gênero humano, e por um sentimento de benevolência recíproca”. (*Ibid.*, p. 635 e 636r.)

Ora, esta idéia de ordem, que compreende a de encadeamento dos conhecimentos, associada à hipótese de que toda enciclopédia é o resultado de um empreendimento coletivo, torna a *Enciclopédia* de d’Alembert e Diderot uma obra totalmente diferente das enciclopédias naturalistas do Renascimento, como a *De subtilitate* (1550) ou a *De rerum variete* (1557), de Jérôme Cardan, ou a *Magia Naturalis*, de Della Porta (1558, em 4 livros, 1589, em 20 livros), textos nos quais encontramos uma classificação empírica e “fenomenológica” dos conhecimentos. De fato, as relações da *Enciclopédia* com o Renascimento percorrem outro caminho, tendo a figura de Francis Bacon como protagonista, com seu tema da “*Instauratio magna*” e a idéia de uma construção enciclopédica e de um saber universal¹. Embora as relações entre os autores enciclopédicos do século XVII e a *Enciclopédia* mereçam aprofundamentos ulteriores, é certo que a obra de d’Alembert e Diderot é a herdeira dos grandes dicionários enciclopédicos do século XVII, dos quais

ela mantém, aliás, a ordem alfabética. De qualquer modo, à *Enciclopédia*, que é também um Dicionário raciocinado, atribui-se o mérito de exprimir princípios de unificação e de ordem entre os diferentes conhecimentos que parecem faltar aos simples dicionários. É exatamente esta idéia que encontramos no artigo ENCICLOPÉDIA: “Há, a princípio. uma ordem geral, que distingue esse Dicionário de qualquer outra obra em que as matérias são igualmente submetidas à ordem alfabética; a ordem que a fez ser chamada de *Enciclopédia*.” (*Encyclopédie*, t.V, Paris, 1755, article ENCYCLOPÉDIE, p. 640v.)

II. Ora, nesse quadro que privilegia o tema da ordem na *Enciclopédia*, o problema que iremos abordar é o das mudanças que ocorrem no curso de um intervalo em torno de cinqüenta anos, e que concernem à organização dos textos enciclopédicos e ao clima cultural da França “filosófica”. O intervalo cronológico vai de 1697 – primeira edição do *Dicionário histórico e crítico* – ou de 1702 – segunda e última edição do *Dicionário*, com Bayle ainda vivo, – a 1751 – ano da impressão do primeiro volume da *Enciclopédia*. Qual é, pois, o julgamento dos enciclopedistas sobre o *Dicionário histórico e crítico*, e como a própria *Enciclopédia* julga a obra monumental de Bayle? Não se trata aqui de considerar a presença de Bayle na *Enciclopédia*, que poderia ser o assunto de uma pesquisa muito mais ampla e detalhada. Na realidade, Bayle é evocado na *Enciclopédia* de várias maneiras – “encontramos lá um Bayle ao mesmo tempo protestante e voltairiano”²² –, o que reflete as diversas tendências intelectuais dos colaboradores dessa empreitada.

Mais do que as hesitações dos enciclopedistas diante Bayle, procuraremos aqui examinar a incompatibilidade progressiva e o afastamento gradual entre esses dois projetos: o de Bayle e o de d’Alembert e Diderot. Pois a idéia de um dicionário universal que reunisse todos os conhecimentos humanos em um vasto projeto enciclopédico estava bem distante da filosofia crítica – e por vezes destruidora – e da erudição obstinada do *Dicionário* bayleano. E o *Dicionário histórico e crítico*, por vezes utilizado e mesmo plagiado pelos autores da *Enciclopédia*, era apenas, em última análise, na metade do século XVIII, um texto envelhecido, testemunho de uma erudição

incomparável e única, porém, no fim das contas, expressão de uma época passada.

O artigo ENCICLOPÉDIA de Diderot esclarece essa relação difícil e contraditória entre os enciclopedistas e Bayle. Encontramos duas passagens – a primeira no começo e a segunda no fim do artigo – que sublinham a mudança de gosto que ocorreu nos últimos cinquenta anos, tornando o *Dicionário* “insípido”. Assim, “o tempo que embotou nosso gosto sobre as questões de crítica e de controvérsia tornou insípida uma parte do dicionário de Bayle. Não há autor que tenha perdido tanto em algumas passagens, e que tenha ganhado tanto em outras”. Mas, continua esse trecho, “se tal foi o destino de Bayle, que julguemos o que teria chegado à *Encyclopédie* de seu tempo. Se excetuamos esse Perrault, e alguns outros [...], La Mothe, Terrasson, Boindin, Fontenelle, sob os quais a razão e o espírito filosófico ou de dúvida fizeram tão grandes progressos; não haveria aí talvez um homem que tivesse escrito uma página que valesse a pena ler hoje.” (*Encyclopédie*, t. V, Paris, 1755, article ENCYCLOPÉDIE, p. 636v.)

Se uma parte do *Dicionário* é então “insípida”, Bayle ao menos é um dos raros personagens, ao lado de Perrault, La Mothe ou Fontenelle, em que “a razão ou o espírito filosófico ou de dúvida fez [...] progressos” e do qual podemos ler ainda algumas páginas. A *Encyclopédie* assinala então o início de uma nova época filosófica, cujos primeiros traços remontam ao século precedente. Mas, em relação ao tempo de Bayle, “as questões de crítica e controvérsia”, isto é, o interesse pela erudição e pelas polêmicas religiosas entre católicos e protestantes, mudou bastante. É o gosto da época que mudou; e agora um “século filósofo” é capaz de escrever uma enciclopédia e de criticar o mau gosto dos séculos que o precederam: “Eu disse que caberia somente a um século filósofo tentar uma *Encyclopédie*; e disse isso porque esta obra clama por toda parte mais ousadia de espírito, que não temos comumente nos séculos pusilânimes do gosto.”³

Contudo, tal crítica do *Dicionário* de Bayle não está ligada apenas às “questões de crítica e de controvérsia”; ela também diz respeito ao estilo. Diderot dedica longas passagens de seu artigo ao estilo de uma obra enciclopédica, pois “cada trabalhador, cada ciência, cada arte, cada artigo, cada

assunto tem sua língua e seu estilo”. A seu ver, podemos definir “o caráter geral do estilo de uma *Enciclopédia* em duas palavras: *communia, proprie; propria, communiter*. Conformando-se a essa regra, as coisas comuns seriam sempre elegantes; e as coisas próprias e particulares, sempre claras”. (*Encyclopédie*, t. V, Paris, 1755, article ENCYCLOPÉDIE, p. 647v.). Uma *Enciclopédia* deveria então comportar seja “a variedade no estilo”, seja a busca de uma escrita conveniente; e não se compreende a negligência ou “a indulgência injuriosa que se tem pelos grandes livros e, sobretudo, pelos dicionários. Parece que foi permitido ao *in-folio* ser escrito perfeitamente, negligentemente, sem gênio, sem gosto e sem sutileza”. Por esta razão, “a maior parte das obras de grande fôlego que apareceram até o momento, tendo comumente essas imperfeições, nós as olhamos como um apanágio do formato” (*Ibid.*)

O grande *in-folio* de Bayle não ficou imune a essas faltas e as alusões à falta de estilo nos dicionários tem também por alvo o maior texto do filósofo de Rotterdam. Diderot estava convencido de que “é fácil um dicionário ser bem escrito”, “de que não há obras às quais isso seja mais essencial”, e que há razão para crer “que não ficamos em desvantagem nesse assunto”. Com efeito, “há pessoas que leram a *Enciclopédia* de um extremo ao outro; e, se excetuarmos o dicionário de Bayle, que perde todos os dias um pouco dessa prerrogativa, há apenas o nosso que dela desfruta e que continuará a desfrutar.” (*Ibid.*, p. 648r). Ainda mais uma vez o *Dicionário* de Bayle é comparado com a *Enciclopédia*, mas a falta de estilo torna esse dicionário menos legível.

Aos olhos de Diderot, o *Dicionário* de Bayle é pois “insípido”, por vezes ilegível, mas ele manifesta, entretanto, em seu gosto pela razão, um espírito filosófico ou de dúvida ímpar, mesmo sendo seu autor muito interessado por questões “de crítica e controvérsia” e demais negligente no estilo e na falta de ordem. Em suma, um texto não desprovido de espírito filosófico, porém, em última análise, envelhecido.

O julgamento de D’Alembert sobre o *Dicionário* de Bayle realizado no artigo DICIONÁRIO, numa análise das diferentes espécies de dicionários, é sem dúvida mais indulgente, porém, igualmente problemático. No entender de D’Alembert, podemos distinguir três tipos de dicionários, isto é,

obras onde “as palavras de uma língua são distribuídas por ordem alfabética e explicadas com mais ou menos detalhes, segundo o assunto proposto.” (*Encyclopédie*, t. IV, Paris, 1754, article DICTIONNAIRE, p. 958.) Essas três espécies são os Dicionários das línguas, os Dicionários históricos e os Dicionários das ciências e artes. Mas o texto de Bayle tem dificuldades para encontrar seu lugar nesta divisão; e mesmo se o *Dicionário histórico e crítico* se dispusesse entre os dicionários históricos, ele manteria uma característica particular, próprio de um dicionário “filosófico e crítico”, que torna essa obra excêntrica e quase impossível de classificar: “Censuraram o *dicionário* de Bayle – sustenta D’Alembert – por fazer menção a um grande número de autores pouco conhecidos e por ter omitido muitos autores célebres. Esta crítica não é totalmente infundada; entretanto, podemos responder que o *dicionário* de Bayle (enquanto dicionário histórico) é apenas o suplemento de Moreri, que é somente reputado a Bayle ter omitido os artigos que não tinham necessidade de correção nem de adição. Podemos acrescentar que o *dicionário* de Bayle é apenas impropriamente um *dicionário* histórico; é um *dicionário* filosófico e crítico, no qual o texto é somente o pretexto das notas: obra que o autor tornaria infinitamente estimável, suprimindo dela o que pudesse escandalizar a religião e os costumes” (*Ibid.*, p. 967).

Ora, se passarmos às afirmações conclusivas sobre o perigo do *Dicionário* para a religião e os costumes, tornadas no século XVIII um lugar comum e que são frequentemente um meio simples, senão eficaz, de prevenir uma censura, esse julgamento sobre Bayle é muito interessante por seu duplo valor. D’Alembert defende Bayle da acusação de ter escrito um dicionário histórico que esquece os grandes personagens e que fala de autores pouco conhecidos, visto que seu dicionário é somente o suplemento do dicionário de Moreri. Além disso, esse dicionário não é verdadeiramente histórico, mas antes “filosófico e crítico”, e, no mais, um dicionário “no qual o texto não é senão o pretexto das notas”.

O valor de Bayle é, portanto, indiscutível, mas seu texto é tão indefinível, fora do comum, falando de filosofia e de crítica em vez de história, e, ainda, invertendo a ordem da escrita, ele invade o texto pelo paratexto, põe as notas

no centro e usa o texto como um pretexto. Um dicionário então cujo título ambíguo – *Dicionário histórico e crítico* – o coloca à margem da classificação tradicional dos dicionários e que, por sua escrita excêntrica, rompe com a ordem pré-estabelecida desse gênero literário.

Nessas páginas da *Enciclopédia* examinadas, d'Alembert e Diderot defendem o Bayle filósofo, partidário da razão e da dúvida, criticam a extensão de um *Dicionário* ainda muito interessado nas questões de erudição ou de controvérsia, escrito sem ordem nem estilo e sobrecarregado de notas. Mas este excesso de crítica e de polêmica, essa falta de ordem, esse desequilíbrio original que são próprios do *Dicionário*, nos conduzem à análise do elemento em torno do qual se organiza a escrita da obra bayleana: a nota ou a observação.

III. Começemos por examinar a definição de “observação” na *Enciclopédia* para remontar em seguida ao sentido e ao uso desse termo em Bayle.

“Observação, f.f. (Gramm.) observação singular sobre alguma coisa ou alguém. Fazemos observações sobre uma obra obscura; sobre a conduta de uma criança; sobre os discursos de um homem; sobre o curso dos negócios públicos. As observações ou aprovam, ou censuram, ou instruem”. (*Encyclopédie*, t, XIV, Neufchastel, 1765, article REMARQUE, p. 92). A observação é então um comentário, uma crítica, uma “observação singular” que parece possuir o signo distintivo da precisão e da concisão.

Em Bayle, ao contrário, a observação se amplifica e se dilata até ganhar o centro da atenção do leitor. Mas esta “centralidade” da observação é também a consequência de uma mudança de perspectiva. Em 1692, em seu *Projeto de um Dicionário Crítico*, Bayle imagina ser possível compor um dicionário dos erros, e especialmente dos erros do *Dicionário histórico* de Moreri, do qual a quinta edição teria sido publicada em Lyon, em 1688. Sua idéia é simples: “Tenho o projeto de compor um Dicionário, que além das omissões consideráveis dos outros, conterà uma compilação das falsidades que concernem a cada artigo. E vós vereis admiravelmente, Senhor, que se, por exemplo, eu tiver êxito em reunir sob a palavra *Sêneca* tudo o que foi dito de falso acerca desse ilustre Filósofo, apenas terá de consultar esse artigo

para saber em que se deveria crer a respeito do que seria lido no tocante a Sêneca em qualquer livro que fosse: pois, se fosse uma falsidade, ela seria indicada nessa compilação, e desde que não se visse nela um fato sobre a base da falsidade, poder-se-ia ter por verdadeiro. Isso basta para mostrar que se o intento fosse bem executado, resultaria disso uma Obra muito útil, e muito cômoda a todos os tipos de leitores”⁴.

Mas a recepção negativa do *Projeto*⁵ leva Bayle a mudar seu plano para “se esforçar para atingir melhor o gosto do Público.” Assim, no “Prefácio da primeira edição”, Bayle expõe a maneira como ele compôs seu *Dicionário*, onde as observações possuem um lugar central sob a forma de um “grande Comentário”: “Dividi minha Composição em duas Partes: uma é puramente Histórica, uma Narração sucinta dos Fatos; a outra é um grande Comentário, uma miscelânea de Provas e de Discussões, na qual eu faço a Censura a vários Erros, e mesmo algumas vezes uma tirada de Reflexões Filosóficas; em uma palavra, bastante variedade para poder crer, que por uma passagem ou por outra, cada espécie de Leitor encontrará o que lhe apraz” (P. Bayle, *Dictionnaire historique et critique*, cit., “Préface de la première édition”, p. ii.).

A passagem de um projeto crítico a um projeto histórico-crítico é então a base dessas observações que são o centro do *Dicionário*. Mas a observação bayleana, por sua originalidade, é também um verdadeiro espaço de crítica e de liberdade. Esse “grande Comentário” que Bayle acrescenta à sua exposição sucinta dos fatos é o núcleo do *Dicionário*, e as observações ocupam dez vezes mais espaço do que o texto puramente histórico. Elas são o lugar privilegiado da erudição pelo emprego de longas citações ou de minuciosas investigações de cronologia, mas tornam-se também o espaço, por vezes desmedido, onde abordar problemas filosóficos ou religiosos, enunciar reflexões morais, manifestar uma liberdade de espírito que alguns julgaram blasfema ou obscena. Provas e discussões, “censuras a muitos erros” e “tirada de Reflexões Filosóficas”: a observação bayleana oferece ao leitor, com base na informação histórica, toda uma variedade de nuances que equilibra a erudição mais meticulosa pela digressão filosófica e uma liberdade de escrita inteiramente pessoal. Mistura de várias formas, digressão contínua, curiosidade singular: a observação torna-se a expressão do espírito bayleano

e reflete o temperamento intelectual de seu autor. Como Bayle confessa no seu *Projeto*, capaz de admirar a simplicidade de um plano, é incapaz de uma regularidade seguida e de uma ordem verdadeira: “Louvo a simplicidade de um plano; admiro que a execução dele seja simples e desembaraçada; faço consistir nisso a idéia da perfeição: mas se vejo passar desta teoria à prática, confesso que tenho dificuldade em me regrar sobre esta idéia de perfeição. A mistura de várias formas, um pouco de matizes, não tanta uniformidade, são bastante do meu feitio”. (P. Bayle, *Projet*, cit., f. 9r.) Por esta razão, já no seu *Projeto*, Bayle escolhe falar das partes mais heterogêneas, as que contêm “as irregularidades mais sensíveis” ou “um longo apêndice de observações” ou “uma digressão que se assemelha a uma Dissertação na forma”. (P. Bayle, *Projet*, cit., f. 9r.).

A observação torna-se então o lugar de exercício de uma crítica que funda a erudição e o raciocínio e que dá ao *Dicionário* um caráter único. A observação, verdadeiro texto no texto, constitui assim um espaço de jogo livre e imprevisto, um dispositivo textual no qual a crítica exerce seu império. Assim, e paradoxalmente, como mostrou Elisabeth Labrousse, “Bayle fez de um *Dicionário* a mais anônima das obras, uma obra rica desse sabor pessoal que os livros escritos ‘com alegria’ possuem”. (E. Labrousse, *Pierre Bayle I. Du Pays de Foix à la cité d’Erasmus*, La Haye, M. Nijhoff, 1963, deuxième édition, Dordrecht, M. Nijhoff, 1985, p. 242-243.)

IV. O *Dicionário* de Bayle é então um texto hierarquizado, porém livre, no qual, apesar da ordem alfabética, a observação conserva uma posição central, mesmo se ela devesse ocupar, idealmente como tipograficamente, um lugar secundário. Assim, a ordem do dicionário é posta em questão pela excrescência das observações, que constituem o texto propriamente dito; e esta ordem, paradoxalmente, torna-se uma desordem onde o paratexto perde seu lugar subordinado. A ordem alfabética é assim minada por uma escrita desmedida que mergulha o leitor num comentário excessivo, em alguns momentos ilegível, mas rico em digressões imprevistas e originais.

Esta idéia bayleana do dicionário e da observação afasta-se pois daquela da *Enciclopédia*, na qual o método consiste em reunir o conjunto dos

conhecimentos humanos num projeto único, e se apóia sobre uma ordem precisa e sobre uma organização sóbria, que evitam a inútil proliferação de reenvios. Diderot afirma, no artigo ENCICLOPÉDIA, que ele exige “somente do método, qualquer que ele seja. Não gostaria que houvesse um único artigo capital sem divisões e sem subdivisões. É a ordem que alivia a memória” (*Encyclopédie*, t. V, Paris, 1755, article ENCYCLOPÉDIE, p. 642r.). E afirma ainda: “Diferencio dois tipos de reenvios: uma das coisas e outra das palavras”, e “seja qual for a natureza dos reenvios, não será possível multiplicá-los”. (*Ibid.*, p. 642v et 643r.)

Método, ordem, memória: o modelo enciclopédico visa a um encadeamento e a uma organização dos conhecimentos nos quais o recurso aos reenvios é ditado por uma ordem necessária e regrada: “Por meio da ordem enciclopédica, da universalidade dos conhecimentos e da freqüência dos reenvios, as relações aumentam, as ligações se dão em todos os sentidos, a força da demonstração aumenta, a nomenclatura se completa, os conhecimentos se aproximam e se fortificam” (*Ibid.*, p. 643v.).

Esta idéia filosófica da *Enciclopédia* baseia-se numa ordem que falta ao *Dicionário* de Bayle, mais parecido com um texto em mudança, que aumenta de uma edição a outra; um texto finalmente orientado para a observação, que se torna um “grande comentário”, um espaço de associações e digressões.

Esse conceito filosófico de ordem surge no artigo ORDRE de d’Alembert, no qual “a noção metafísica de ordem” consiste “na relação ou na verossimilhança que há, seja no arranjo das várias coisas coexistentes, seja na seqüência de várias coisas sucessivas”. Uma concepção que remete à concepção de regra e que encontra seu modelo na geometria de Euclides, na qual uma “regra constante” determina “o lugar de cada definição e de cada proposição”, de onde “se resulta uma semelhança entre a maneira como essas definições e essas proposições coexistem e se sucedem uma a outra”. Assim, “toda ordem” determina “o lugar de cada uma das coisas que ela compreende, e a maneira como este lugar é determinado, compreende a razão pela qual tal lugar é destinado a cada coisa.” (*Encyclopédie*, t. XI, Neufchastel, article ORDRE, p. 595.)

Esta regra ditada pela razão pode ser única ou plural⁶, assim como a ordem, que pode ser necessária ou contingente: “A ordem que está ligada à

essência das coisas, e cuja mudança destruiria essa essência, é uma ordem necessária: aquela cujas regras podem variar sem detrimento essencial, é contingente”⁷. E se a *Enciclopédia* se situa, diversamente da geometria, na ordem do contingente, ela mantém sempre essa idéia de organização ordenada e de relação entre os elementos. Contudo, à ordem se opõe a confusão, a desordem: “O oposto de *ordem* é a *confusão*, na qual não há nem semelhança entre o arranjo, as simultaneidades, e o entrelaçamento das sucessões, nem regras que determinam os lugares”. (*Ibid.*, p. 596)

Esta noção metafísica de ordem subtece a idéia de ordenamento e de encadeamento própria da *Enciclopédia*, revela também as mudanças culturais – históricas e filosóficas – que, cinqüenta anos após sua publicação, tornou o *Dicionário* de Bayle “insípido” e por vezes ilegível para os leitores da metade do século XVIII. O gosto mudou, os tempos também mudaram, e as páginas do *Dicionário* deveriam soar aos ouvidos dos contemporâneos da *Enciclopédia* como pesadas, antiquadas, na verdade enfadonhas, com todos os seus desenvolvimentos e suas observações inúteis. Até a forma desse texto – o grande *in-folio* com sua divisão entre uma parte puramente histórica e o “grande comentário” das observações – que mostrar-se-ia provavelmente incompreensível aos novos leitores, mostrando sua obsolescência cultural.

O artigo CRITIQUE de Marmontel, que convida os espíritos filosóficos “a restabelecer as idéias às coisas, a Metafísica e a Geometria à Moral e à Física”, censura, por conseqüência, Bayle por sua falta de ordem e de “solidez”. Se Fontenelle, “que levou tão longe seu espírito de ordem, de precisão, e de clareza”, pôde ser “um crítico superior”, por sua vez Bayle “só tinha necessidade, da sua parte, para ser superior, de mais independência, tranquilidade e lazer. Com essas três condições essenciais a uma crítica, ele dissera o que pensava, e o teria dito em menos volumes.” (*Encyclopédie*, t. IV, Paris, article CRITIQUE, p. 492.)

Muitas palavras e comentários, muitos volumes. Tal julgamento de Marmontel, que retoma inteiramente o de Voltaire, que quisera reduzir todo o espírito de Bayle “a um único tomo”⁸, acusa o autor do *Dicionário* de ter escrito um texto desmedido, repleto de digressões, num estilo pouco cuidadoso e desordenado.

Evidentemente, os filósofos – d'Alembert e Diderot, bem como Voltaire – admiram o espírito filosófico do *Dicionário*; para eles Bayle não pertence somente à República das letras, mas com toda razão ao novo século filósofo. Mas esse “precursor” dos filósofos, esse defensor da razão, esta vítima da intolerância e da perseguição religiosa, não é menos o autor de um texto fora de medida, com a redação desleixada e sem rigor, empolada pela erudição inútil e excessiva, pelo eco de tortuosas e ineptas controvérsias.

Assim, a admiração pelo espírito do filósofo de Rotterdam não impede uma crítica dos excessos de Bayle: muita erudição, observações em demasia, excesso de ceticismo. O julgamento de Diderot no artigo PIRRÔNICO OU FILOSOFIA CÉTICA é, a propósito, exemplar. Na sua opinião, “tudo o que Sexto Empírico e Huet dizem contra a razão, um em suas hipotiposes, o outro em seu tratado sobre a debilidade do entendimento humano, não vale um artigo escolhido do dicionário de Bayle. Ali aprendemos bem a ignorarmos o que cremos saber.” (*Encyclopédie*, t. XIII, Paris, 1765, article PYRROHNIENNE OU SCEPTIQUE PHILOSOPHIE, p. 613). Bayle demonstra uma sutileza incontestável no raciocínio, de uma habilidade única na crítica dos sistemas; ele recorre tanto à erudição como à filosofia. Houve “poucos iguais na arte de raciocinar, talvez nenhum superior. Ninguém soube compreender mais sutilmente a fraqueza de um sistema, ninguém soube fazer valer mais fortemente as vantagens [...] Embora dúvida sobre dúvida acumule, ele avança sempre com ordem: é um pólipo vivo que se divide em tantos outros pólipos que vivem plenamente; ele os engendra uns dos outros. Qualquer que seja a tese a ser demonstrar, tudo vem a seu auxílio, a história, a erudição, a filosofia” (*Ibid.*, p. 613). Mas, objeta Diderot, estando tudo relacionado na natureza, sem nunca chegar ao conhecimento perfeito, o homem pode, quando menos esperar, obter conhecimentos e princípios evidentes. É preciso pôr limites à dúvida cética: “Há, portanto, uma espécie de sobriedade no uso da razão, à qual é preciso se sujeitar, ou então escolher flutuar na incerteza, um momento em que a luz da razão, que sempre teria crescido, começa a se enfraquecer, sendo necessário parar todas as discussões” (*Ibid.*, p. 613-614). A admiração por Bayle e pelo seu *Dicionário* não é ilimitada: ela pára diante de uma certa falta de sobriedade de raciocínio e

de escrita. Diderot, que aprecia certamente as sutilezas da razão bayleana, não segue este autor nem nos seus extravios pirrônicos, nem nos seus rodeios eruditos. E o pirronismo excessivo do filósofo de Rotterdan, assim como sua escrita desmedida, são o signo de uma diferente atitude cultural e filosófica, e o indício da mudança de época.

V. Com efeito, como mostrou P. Réta, a grande fortuna de Bayle termina em meados de 1750; o *Dicionário*, por sua vez, não foi mais reeditado no século XVIII depois de 1741. A transformação do gosto e da curiosidade tornou o *Dicionário* cada vez menos atual na segunda metade do século, texto classificado como de uma outra época, apesar dos empréstimos dos enciclopedistas. Não se compra e não se lê mais o *Dicionário*. Bayle passa a ser conhecido apenas sob a nova forma das “análises” e dos “breviários”, entre os quais, ao lado do *Extrato do Dicionário histórico e crítico de Bayle*, de Frederico II da Prússia (1765), convém evocarmos o breviário do *Dicionário* elaborado por Alexis Le Bret – *Bayle desfeito das suas inutilidades* –, que permaneceu em forma de manuscrito⁹, e a *Análise raciocinada de Bayle*, do abade de Marsy.

Em 1755, sob a falsa indicação “Londres”, o abade de Marsy imprimiu quatro volumes de uma *Análise raciocinada de Bayle*, aos quais foram acrescentados quatro outros volumes, em 1770, por Jean-Baptiste Robinet¹⁰. Esses primeiros volumes, que renderão ao seu autor alguns meses de detenção na Bastilha e que, seguindo o espírito do século, apresentam um Bayle irreligioso, anticlerical e deísta, nos permitem voltar à questão da ordem no *Dicionário* e da dificuldade de se servir das observações. No “Advertissement” (p. v-xxxvi), o abade de Marsy expõe o propósito do seu breviário que fará do *Dicionário* um texto legível e prazeroso. Segundo o autor da *Análise raciocinada*, o *Dicionário*, texto agradável e erudito, é também uma obra de compilação em que se é obrigado a seguir a ordem alfabética. Ordem somente aparente, pois o *Dicionário*, na realidade, é constituído apenas por uma vasta desordem, de tal maneira que cada artigo aí é dividido em duas partes, entre a exposição do assunto e o comentário¹¹. Além disso, as observações compreendem longas digressões e uma enorme quantidade de citações.¹²

Para combater essas faltas e melhorar o texto, Marsy elaborou um plano que reduzirá Bayle “a suas próprias riquezas”. Ele suprime a ordem alfabética e reúne “sob um pequeno número de divisões particulares” o que Bayle havia disseminado um pouco por toda parte, reagrupando tematicamente os artigos mais úteis e interessantes. Ele funde o texto e as observações num texto único e suprime ou abrevia “as notas de pura erudição”¹³. Ele corrige o estilo negligente do *Dicionário*¹⁴, e, enfim, no cabeçalho de seus quatro volumes, acrescenta um amplo índice das matérias para tornar mais proveitosa a leitura.¹⁵ Deste modo, a exposição ganha em clareza e a *Análise* torna-se uma obra de polêmica e de propaganda que, de um lado vulgariza Bayle, e de outro, adapta habilmente o pensamento do filósofo de Rotterdam aos gostos de um público mais amplo e menos erudito.

Em sua *Análise*, Marsy se coloca na mesma perspectiva cultural dos autores da *Enciclopédia*. Para eles, todo o *Dicionário* é doravante ilegível: trata-se aqui de um texto pesado e desarranjado, de uma mixórdia de erudição e digressões sem interesse. Mas, no aumento das páginas do *Dictionnaire*, e a despeito da falta de composição e do pendor imoderado de Bayle pelas controvérsias religiosas, manifesta um verdadeiro “espírito filosófico ou de dúvida” mediante um pensamento crítico, cético, às vezes anticlerical.

Definitivamente, a nova sensibilidade filosófica da *Enciclopédia* e dos enciclopedistas mudou doravante o papel e a fortuna do *Dicionário* no século XVIII. Esse século, que adotou e plagiou Bayle, também o modificou. O pensamento e a obra do filósofo de Rotterdam sofreram uma reação metabólica: o *Dicionário* é utilizado, reescrito, abreviado. A observação bayleana – o “grande Comentário”, esta “mistura de Provas e discussões”, esta “tirada de Reflexões Filosóficas” – é doravante sacrificada sobre o altar do novo projeto filosófico.

Notas

1 Sobre Francis Bacon e a *Enciclopédia*, ver P. Casini, *Diderot “philosophe”*, Bari, Laterza, 1962, em particular p. 211-224; H. B. White, “The influence of Bacon on the philosophes”, *Studies on Voltaire and the eighteenth century*, XXVII, p. 1849-1869; M. Malherbe, “Bacon, l’Encyclopédie et la Révolution”, *Les Études philosophiques*, 1985, n. 3, p. 387-404; Id.,

“Bacon, Diderot e l'ordre encyclopédique”, *Revue de Synthèse*, CXV, 1994, Ive série, p. 13-37.

2 P. Rétat, *Le Dictionnaire de Bayle et la lutte philosophique au XVIII^e siècle*, Paris, 1971, p. 419 (doravante citado *Le Dictionnaire de Bayle*) e para as relações entre Bayle e a *Encyclopédie*, p. 399-419. Sobre Bayle e a *Encyclopédie* ver também J. Proust, *Diderot et L'Encyclopédie*, Paris, A. Colin, 1962, troisième édition, Paris, A. Michel, 1995, p. 233-254 e W. Tega, *Arbor scientiarum, Enciclopedia e sistemi in Francia da Diderot a Comte*, Bologna, Il Mulino, 1984, p. 39-43.

3 *Ibid.*, p. 644v. Para uma análise da idéia de gosto no “século filósofo” ver o artigo GOSTO, da *Encyclopédie*, que reúne sucessivamente um artigo de Voltaire, os fragmentos sobre o gosto elaborados por Montesquieu, e uma parte final atribuída a D'Alembert; cf. *Encyclopédie*, t. VII, Paris, 1757, artigo GOSTO, p. 761-770 (761; 762 -767; 767-770). Esse artigo GOSTO é precedido por um outro artigo GOSTO, de autoria de Chevalier de Jaucourt, que analisa o órgão do gosto do ponto de vista da fisiologia (p. 758-760). Sobre as relações entre o espírito filosófico e o gosto, ver as páginas escritas por D'Alembert e cf. o início: “*Refléxions sur l'usage et sur l'abus de la Philosophie dans les matières de goût*. O espírito filosófico, tão celebrado numa parte da nossa nação e tão desacreditado em outra, produziu nas Ciências e nas Belas-Letras efeitos contrários; nas Ciências, ele pôs severos limites à mania de tudo explicar, que o amor pelos sistemas introduziu; nas Belas-Letras, ele se encarregou de analisar nossos prazeres e de submeter ao exame tudo o que é objeto do gosto.” (p. 767).

4 P. Bayle, *Projet d'un Dictionnaire Critique*, em *Projet et fragmens d'un Dictionnaire Critique*, Rotterdam, R. Leers, 1692, f. 8r-v (doravante citado como *Projet*). Para uma análise da observação em Bayle ver P. Retat, “La remarque baylienne”, em *Critique, savoir et érudition à la veille des Lumières. Le Dictionnaire historique et critique de Pierre Bayle* (1647-1706). Amsterdam & Maarssen, APA-Holland University Press, 1998, p. 27-39. Para uma história da nota de rodapé, ver A. GRAFTON, *Les origines tragiques de l'érudition. Une histoire de la note en bas de page*, traduzido do inglês (americano) por Pierre-Antoine Fabre, Paris, Seuil, 1998, especialmente “La clarté et la distinction, arcanes de l'érudition, ou les origines cartésiennes de la note en bas de page”, p. 146-167. Sobre o *Projet* de Bayle e sobre a idéia de história eu remeto à L. Bianchi, *Bayle, i dizionari e la storia*, introduction à Pierre Bayle, *Progetto di un Dizionario Critico*, a cura de L. Bianchi, Napoli, Bibliopolis, 1987, p. 11-156. Sobre o *Projet* vide também I. Delpla, “Le Projet d'un Dictionnaire: Bayle et le principe de charité”, em H. Bost et Ph. de Robert (éd.) *Pierre Bayle, citoyen du monde. De l'enfant de Carla à l'auteur du Dictionnaire*, Paris, Champion, 1999, p. 275-301. Sobre Bayle e a história limitamo-nos a assinalar: E. Labrousse, “La méthode critique chez Pierre Bayle et l'histoire”, *Revue internationale de philosophie*, XVI, 1957, p. 49-87, agora em E. Labrousse, *Notes sur Bayle*, Paris, Vrin, 1987, p. 8-24; E. Labrousse, *Pierre Bayle II. Heterodoxie et rigorisme*, La haye, M. Nijhoff, 1964, deuxième édition, Paris, Albin Michel,

1996, p. 3-68; G. Paganini, *Analisi della fede e critica della ragione nella filosofia di Pierre Bayle*, Firenze, La Nuova Italia, 1980, p. 225-273; C. Borghero, *La certezza e la storia. Cartesianismo, pirronismo e conoscenza storica*, Milano, F. Angeli, 1983, p. 217-252; R. Whelan, *The anatomy of superstition: a study of the historical theory and practice of Pierre Bayle*, Oxford, The Voltaire Foundation, 1989.

5 Cf. P. Bayle, *Dictionnaire historique et critique*, Amsterdam, Leide, La Haye, Utrecht, 1740 “Préface de la première édition” [datada “de 23 de Outubro 1696”], p. i: “Declaro, primeiramente, que esta Obra não é a que prometi no Projeto que publiquei de um Dicionário Crítico no ano de 1692. A Objeção, que eu já havia antecipado e refutado, é aquela a que mais se prenderam para condenar o Plano que eu gostaria de seguir; e talvez haja Leitores que não a acharam boa, porque observaram que eu estava muito propenso a combatê-la. Mas, seja como for, não tiveram a prudência de resistir ao gosto geral; e depois que todo o mundo julgou que quase todos os Erros, dos quais fiz menção nos Artigos do Projeto, importam pouco ao Público, a ordem quis que eu abandonasse meu empreendimento. [...] Portanto, uma vez que a melhor maneira de executar o meu Projeto seria expô-lo mais aos murmúrios do Público, pois multiplicaria as Observações pouco importantes, eu deveria concluir pelo abandono do propósito; deveria crer que, visto o gosto que está na moda, haveria no próprio Plano de minha empreitada um vício real, que a execução jamais poderia sanar”.

6 Cf. *Ibid.*: “Esta razão enunciada por uma proposição se chama regra. Quando a razão suficiente de uma certa ordem é simples, a regra é única; quando ela pode se resolver em outras, resulta em pluralidade de regras a serem observadas.”

7 *Ibid.*, p. 596. E a passagem continua: “A ordem dos lados de um triângulo, ou de qualquer outra figura, é uma ordem necessária. Não é a mesma da ordem dos livros de um gabinete, dos móveis de um apartamento. A ordem que aí reina é contingente; e muitas bibliotecas, apartamentos, jardins podem ser organizados diferentemente, e encontrar uma boa ordem.”

8 Cf. Voltaire, *Temple du goût*, éd. Moland, t. VIII, Paris, Garnier Frères, 1877, p. 577: “todo o espírito de Bayle se encontra num único tomo.” Cf. também a carta de Voltaire ao marquês d’Argens, do dia 21 de junho de 1739 em *Voltaire’s correspondence*, ed. por Th. Besterman, Genève, Institut et musée Voltaire Les Délices, 1953-1965, t. CVII, t.IX, 1954. lettre n. 1935, p. 167-171: “A respeito de Bayle seria um grande erro pensar que eu quisesse rebaixá-lo (...) Qual foi então meu objetivo reduzindo num único tomo o belo espírito de Bayle? Fazer sentir o que ele mesmo pensava, o que ele disse e escreveu a Desmaizeaux, o que eu vi de sua mão: que ele teria escrito menos se ele tivesse sido o senhor de seu tempo” (p. 168-169).

9 Cf. Frederico II o Grande, *Extrait du Dictionnaire historique et critique de Bayle*, Berlin, Ch. F. Voss, 1765, deuxième édition, Berlin, Ch. F. Voss, 1767. Sobre o *Extrait du Dictionnaire* de Frederico II e sobre o breviário de A. Le Bret, ver P. Réta, *Le Dictionnaire de Bayle*, cit., p. 310-312 e 305. Ver também: H.T. Mason, “Voltaire and Le Bret’s digest of

Bayle”, *Studies on Voltaire and the eighteenth century*, 20, 1962, p. 217-221; J. Vercruysee, “De l’utilité de Pierre Bayle: l’Abregé de A.J. Le Bret et Voltaire ou du bon usage du Dictionnaire au 18^e siècle”, *Studi Filosofici*, VII, 1984 [mas 1988], p. 183-210.

10 *Analyse raisonné de Bayle, ou Abregé Méthodique de ses Ouvrages, particulièrement de son Dictionnaire historique et critique, dont les remarques ont été fondues dans le texte, pour former un corps instructif et agréable de lectures suivies*, Londres, 1755, t. I-IV [par l’abbé de Marsy]; Londres, 1770, t. V-VIII [par J.B.R. Robinet] (entretanto citado *Analyse raisonnée*). Sobre o abade de Marsy ver Hoefer (sob a direção de), *Nouvelle Biographie Générale*, t. XXXIII, Paris, 1863, p. 989-990. Sobre a *Analyse raisonnée de Bayle*, ver: P. Rétat, *Le Dictionnaire de Bayle*, cit., p. 304-309; L. Bianchi, “Religion et intolérance: l’*Analyse raisonnée de Bayle* de l’abbé de Marsy”, *Studies on Voltaire aond the eighteenth century*, 303, 1992, p. 217-220.

11 Cf. *Analyse raisonnée*, p. x-xii: Para falar aqui somente do Dicionário de Bayle, que desordem não encontramos nesta coleção? Todos os assuntos aí são confundidos; o Autor não distingue nem os tempos, nem os lugares, mistura indiferentemente a História e a Fábula, as Anedotas sagradas e os fatos profanos. (...) Que mistura? Que caos? A Obra de Bayle possui um outro inconveniente, que lhe é particular. Cada Artigo é dividido em duas Partes, pensei dizer em dois Artigos. Um compreende a exposição de um assunto: o outro contém um Comentário desta exposição. Qualquer julgamento que se tenha desse método, é certo que a maior parte dos Leitores não se sente de modo algum confortado com ele. As Remissões freqüentes que estabelecem a comunicação do Texto e das Observações excitam a princípio a curiosidade; mas cansam no seu decorrer: não se sente prazer numa leitura continuamente interrompida, e a experiência ensina que pouquíssimas pessoas são capazes dessa paciência”.

12 Cf. *Analyse raisonnée*, p. xii-xiv: “Não falo das novas desordens que reinam nesse Comentário; da transposição inútil de vários fatos históricos, que teriam sido melhor inseridos no corpo do texto; da multiplicidade confusa das investigações; das digressões inúteis, ou muito freqüentes, ou introduzidas muito bruscamente; da multiplicidade e dos embaraços das citações; desta aglomeração de autoridades contraditórias e desta nuvem confusa de testemunhas, cujas disposições se separam, e que é preciso todas entender, umas após as outras; enfim, dessas longas passagens Gregas, Latinas, Gaulesas, etc. nas quais o Comentário original é ofuscado. (...) Eis uma ligeira idéia das imperfeições mais observáveis desse famoso Dicionário. Se uma Obra jamais foi suscetível de reparo, é esta; e não creio que percorrendo a lista dos Escritores difusos e volumosos, encontremos um que tenha mais necessidade que Bayle dos bons ofícios de um Abreviador. Encarrego-me hoje desta tarefa”.

13 Cf. *Analyse raisonnée*, p. xiv-xvii: “Reunirei numa curta *Analyse* as belezas espalhadas e sufocadas numa vasta compilação: eu as tornarei mais sensíveis, mais familiares, e, se for possível, mais tocantes; reduzirei Bayle a suas próprias riquezas; tirarei dele todos os ornamentos de empréstimo, e o vão aparato de um adorno estranho; afastarei as nuvens

que cercam o Erudito, e só mostrarei o homem de espírito. Para executar com sucesso tal projeto, forçarei a mudança da antiga distribuição do *Dicionário*, e elaborarei um novo plano, sobre o qual é tempo de nos interarmos . I. Mudei sob um pequeno número de divisões particulares, o que Bayle reunira sob um título vago; (...) II. Entre um número tão grande de Artigos, eu obriguei a fazer uma escolha. Não compilei tudo, porque tudo não é igualmente bom. (...) III. Para poupar meus leitores do embaraço de consultar um Comentário, sempre bastante distante do texto, e prevenir os desgostos de uma leitura interrompida, tomei o partido de fundir todo o Texto e as Observações, suprimindo as ligações e as transições necessárias. Reuni, como me foi possível, no corpo de cada artigo, as observações que lhes pertenciam; e quando elas não tinham uma ligação bastante direta com o assunto principal, ou que sua extensão excedia os estreitos limites a que me prescrevi, fiz Artigos particulares, que distribuí em diferentes classes, que formarão a divisão desta *Análise*. IV. Suprimi, ou abreviei, as Notas de pura erudição; do mesmo modo o fiz a respeito das citações. Esta exposição, muito pouco suportável para uma compilação vasta, seria, então, de outro modo, imprópria numa curta *Análise*, na qual nos propomos fazer conhecer o espírito, e não o saber de um Escritor; seus pensamentos, e não suas reminiscências, suas riquezas, e não seus empréstimos”.

14 Cf. *Analyse raisonnée*, p. xvii-xix: “Hesitei por muito tempo se eu tocaria no estilo de Bayle. Sua maneira de escrever é muito descuidada, principalmente em seu Dicionário. (...) se limitar às mudanças indispensáveis, tirar dele suas rudezas, conservar sua candura, sua simplicidade nobre, seu ar livre e fácil; evitar sobretudo a mixórdia dos estilos, e seguir com exatidão as leis da combinação, isto me pareceu o único partido razoável, e é baseado nesta idéia que regrei minhas correções.”

15 Cf. *Analyse raisonnée*, p. xxii: “VIII. Os Índices que se encontram no cabeçalho desses quatro volumes contêm uma exposição tão detalhada das matérias que um esclarecimento mais longo sobre esse assunto seria aqui bastante supérfluo.”